

As "variáveis" dos empréstimos

por Sônia Jourdan
de São Paulo

No dia 30 de junho, os dólares comprometidos na fase 1 do acordo externo — tanto do "jumbo" de US\$ 4,5 bilhões em dinheiro novo quanto os US\$ 4,4 bilhões de refinanciamento das amortizações que venceram no ano passado — deverão estar com a destinação acertada. E acertar isso não é fácil, principalmente porque, se os bancos têm "sobras" de dólares da fase 1 e não conseguem tomador para operações diretas de reempréstimo, a saída é deixar o dinheiro depositado no Banco Central ou partir para operações sindicalizadas, de extrema complexidade.

Este jornal levantou ontem seis dessas operações, todas elas em fase de levantamento de recursos. São US\$ 610 milhões no total, distribuídos da seguinte forma: US\$ 280 milhões para o grupo Siderbrás, que o Lloyds Bank, o Banco de Tokyo e o Citibank estão reunindo com outros bancos; US\$ 50 milhões para Itaipu, reunidos entre o Nippon Credit Bank, o Long Term Credit Bank of Japan, o Industrial Bank of Japan e o Banco de Tokyo, além do Citibank; US\$ 30 milhões para a Light, do

Daiwa Bank (Japão), do Citibank e do Banco de Tokyo; US\$ 100 milhões para a Elettronorte, agenciados pelo Morgan Guaranty Trust; US\$ 100 milhões para a Eletrobrás, agenciados pelo Chase Manhattan Bank; e US\$ 50 milhões para a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU), reunidos entre sete bancos sob a coordenação da Libra Bank.

COMPLICAÇÃO

As minutas dos contratos não estão fechadas e as negociações se arrastam, porque são vários os elementos complicadores, que os bancos chamam eufemisticamente de "variáveis":

- As fontes. Os recursos podem sair do "jumbo" de 1983 ou do "jumbo" de 1984. E também do Projeto 2, por conta do reescalonamento do ano passado ou deste ano.

- A escolha da moeda. Pode ser qualquer uma das previstas nos acordos assinados pelo Brasil com os credores. O empréstimo, portanto, pode ser armado em duas moedas, ou mais.

- Os prazos. Um banco como o de Tokyo, por exemplo, que já utilizou todos os recursos comprometidos na fase 1 (no ano passado), entrará nesses empréstimos com dinheiro da

fase 2 (neste ano). Assim, parcelas do empréstimo terão oito anos para o pagamento, com dois e meio de carência, que foram os prazos acertados para o ano passado. Outras parcelas terão nove anos de prazo para o pagamento com cinco anos de carência, as condições negociadas para este ano.

- As taxas. Os bancos podem optar pela prime rate (taxa para clientes preferenciais dos EUA) ou pela Libor (interbancária de Londres) na contabilização dos juros. Se o banco está emprestando recursos internados em 1983, o "spread" (taxa de risco) é de 2,125% sobre a Libor ou 1,875% sobre a prime. No caso dos recursos internados em 1984, o "spread" é de 2% sobre a Libor ou 1,750% sobre a prime.

- A "management fee", comissão que o tomador paga ao emprestador. Para os recursos do ano passado, foi limitada em 1,5% sobre o valor do empréstimo, enquanto para os dólares deste ano a "fee" é de 1%.

Por tudo isso, confidenciou um banqueiro a este jornal, agenciar empréstimo é coisa demorada e não compensa. "No Brasil", disse ele, "hoje é certo aliar a diplomacia à engenharia contratual."